O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 420

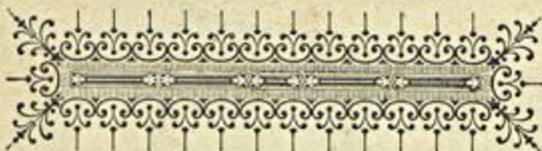
21 DE AGOSTO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

SUA ALTEZA O PRINCIPE DA BEIRA D. LUIZ FILIPPE

(Segundo uma potographhia de Bobone do Atelier Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Não posso hoje deixar de lhes fallar no novo Colyseu da rua de Santo Antão, cuja abertura foi o acontecimento importante da semana theatral lisboeta, mas desde já os previno, que não compartilho por essa nova casa de espectaculos do enthusiasmo ardente que para ahi vejo abrazar muita alma.

A minha pouca sympathia pelo novo Colyseu começa pelo sitio qué a empreza foi escolher para edificar aquella bizárma, que é com certeza não só a maior casa de espectaculos que ha em Lisboa como uma das maiores que ha na Europa.

Aquelle Colyseu destinado a receber em seu seio oito mil espectadores foi esconder-se no recanto d'uma das ruas mais estreitas de Lisboa, a rua de Santo Antão, uma rua onde não ha carros americanos, onde não vão Riperts nem mesmo podem ir, porque a rua não tem espaço para elles estacionarem.

Tem uma qualidade boa esse sitio, bem sei, o ser central, o estar a dois passos da Avenida, no coração da baixa, mas não parece que essa boa qualidade seja sufficiente compensação de todos os inconvenientes que aquella rua estreita offerece para um theatro qualquer e muito principalmente para um theatro nas condições colossaes do novo Circo.

Outra má qualidade que eu lhe acho é a altura a que o Circo está collocado que obriga o publico a uma ascenção violenta por uma rampa ingreme que está a pedir elevador.

Dizem-me que essa rampa vae ser suavisada, mas façam-lhe o que lhe fizerem, o novo Colyseu não pode baixar da montanha em que o pozeram e com mais ou menos suavidade, com a subida mais ou menos mascarada com degraus, com voltas, seja com o que fôr, o que é certo, façam-lhe o que lhe fizerem, é que o publico para lá chegar hade ter sempre que subir como subia no antigo theatro dos Recreios, e com certeza essa obrigação não é a mais agradavel, a mais attrahente, para uma casa de espectaculos se impôr aos seus frequentadores.

Affirma-se tambem, e é evidente que não pode deixar de ser assim, que para o inverno a empreza vae mandar fazer um grande toldo até cá abaixo, á rua de Santo Antão, para abrigar os espectadores da chuva e do frio, mas entretanto, emquanto esse toldo não apparece, se uma noite desata para ahi a chover, quem estiver no novo Colyseu apanha á sahida uma molhadella mestra e precisa de ter perna rija para não dar o seu trambulhão nas rampas, que são muito inclinadas e que transformadas n'um lameiro com a chuva, terão muitas parecenças com um verdadeiro quebra costas.

A commissão de peritos que examinou o novo Colyseu e auctorisou a sua exploração teve decerto sobejas rasões para isso, entretanto a mim custa-me a comprehender como é que n'um caso de incendio, por exemplo, hypothese que o recente incendio no Baquet, que os incendios da Opera Comica de Paris, do Ring Theater de Vienna e da Opera de Nice, mostram não ser tão phantastica como isso, toda a gente que estivesse no novo Colyseu se poderia salvar da morte.

Em primeiro logar o Circo é enorme, tem tres ordens de camarotes e de galerias, comporta oito mil espectadores, e para oito mil pessoas n'um momento de panico sahirem a são e salvo d'um theatro, é preciso que esse theatro tenha umas condições muito especiaes de segurança, mas dando mesmo de barato que n'um caso d'esses, que a Providencia não permitta que se dê, todas as oito mil pessoas podem chegar ás portas do Circo n'um abrir e fechar d'olhos, o que eu não percebo é como essas oito mil pessoas podem fugir sem perigo por aquellas tres unicas rampas que communicam com a rua.

Alem do facto d'essas rampas serem muito ingrimes, e terem a servir-lhes de parede um tabique de madeira, que não me parece que offereça uma resistencia muito digna de confiança aos impulsos da multidão, n'um momento de aperto, e d'esses tabiques deitarem para uns fossos de altura respeitabilissima, accresce a circumstancia muito vulgar; mas que parece não ter lembrado a toda a gente, de que do mesmo modo que para sahir do Circo só ha essas tres rampas ha só essas tres rampas para entrar n'elle.

Ora quando ha a fatalidade de rebentar um incendio n'um theatro, ao panico enorme que ha lá dentro corresponde logo a consternação enorme que ha cá fóra, e da mesma maneira que quem está lá dentro corre logo cá para fóra para se salvar, quem está cá fóra corre lá para dentro para accudir ao incendio, para o atalhar, para salvar os desgraçados que estão em perigo

Os soccorros de incendio que estão muito bem montados, que são numerosos, e que apparecem com uma rapidez que nunca é louvada de mais, apenas apparece fogo na fuligem d'uma chaminé, muito mais rapidamente apparecerão em sabendo que esse fogo é n'um grande edificio e põe em risco milhares de victimas.

E por onde hão de esses soccorros entrar no Colyseu, por onde se hão de aproximar do fogo —salvo seja!—para o combaterem?

E' claro que pelo unico caminho praticavel que tem, pelas tres rampas estreitas e ingrimes, que ligam o edificio do Circo á rua de Santo Antão, por cima dos fossos das novas edificações, como tres pontes levadiças d'um castello feudal.

Mas essas tres rampas que são o unico caminho por onde os soccorros podem aproximar-se do Circo, são tambem o unico caminho por onde as oito mil pessoas que lá estão dentro podem sahir.

Como ha de ser então?

Como evitar que a onda dos que vão accudir ao fogo, se encontre com a onda dos que fogem d'elle?

Destinar uma das rampas para entrada dos soccorros, e outras duas para sahida do publico é perfeitamente impossivel por todos os motivos. Prohibir que os soccorros avancem para o fogo, emquanto as oito mil pessoas que estão lá dentro não saem? E' uma hypothese de opera burlesca.

Como cortar então esse encontro que fatalmente se ha de dar em caso de sinistro e que não pode deixar de occasionar terriveis catastrophes?

Não sei, não vejo modo nenhum, mas é claro, que o deve haver, que se o não vejo a falta é da minha vista, porque decerto as auctoridades competentes o viram perfeitamente, quando não, teriam posto a seu veto a abertura ao publico d'essa casa de espectaculos.

E creiam que n'estas palavras não ha a mais ligeira ironia, não ha a minima intenção de pôr em duvida a competencia e a boa fé de quem quer que seja; ha simplesmente o desejo de ser elucidado sobre um assumpto que interessa altamente a todos.

Estes reparos que eu faço tem os feito muita gente, que depois das medonhas catastrophes do Baquet, da Opera Comica de Paris, do Ring Theater de Vienna e da Opera de Nice se preoccupa seriamente com as garantias de segurança que offerecem essas casas de divertimento publico, que d'um momento para outro se podem transformar em fornos de cremação.

E' necessario para bem de todos, para bem do publico e para bem das emprezas, que estas aprehensões desappareçam de todo, que todas estas duvidas se esclareçam, que todos estes raparos sejam rebatidos victoriosamente.

E' para isso que o fazemos, no uso pleno do nosso direito de publico e do nosso dever de jornalistas, desejando sinceramente que nos convençam de que não tem nenhuma rasão de ser estas nossas apprehensões e declarando desde já que estamos promptos a emendar aqui mesmo os erros, que por ventura haja no nosso ponto de vista, porque repetimos, nós fazendo estes reparos temos apenas em mira o interesse geral, unico que entendemos dever fallar n'estas questões tão serias, tão graves, de tão alta importancia e responsabilidade.

*
* *

O aspecto exterior do circo é por emquanto muito feio, o que não admira porque as obras estão longe ainda de ser concluidas, em compensação, porem, o seu aspecto interior é magnifico, é imponente, é a mais bella de todas as casas de espectaculo em Portugal.

O deslumbramento do primeiro golpe de vista é tão grande que apaga completamente todos os defeitos que o circo tem e não são poucos.

Para nós um dos principaes desses defeitos é a desproporção em que está o palco do theatro para com o resto do circo.

O circo é um colosso, o palco é um pygmeu; parece mais o coreto para a orchestra d'um circo d'aquelle tamanho, do que o theatro que hade constituir o espectaculo d'aquella sala colossal.

A cupula do circo é uma maravilha d'arte e pena é que os camarotes não sejam um pouco mais altos, mais desafogados, o que daria ao circo um aspecto muito mais grandioso ainda e principalmente muito mais harmonico.

As condições acusticas do novo Colyseu são muito melhores do que se esperava, de todos os logares da immensa sala se ouve bem. Outro tanto não se pode dizer a respeito de ver, porque ha uma grande porção de camarotes d'onde se não vê o que se passa no theatro.

Este defeito vem de risco no Colyseu se não ter attendido á sua exploração como theatro, mas unicamente como circo.

Outro defeito que encontramos no novo Colyseu é o defeito d'uma das suas primeiras qualidades, o ser extraordinariamente grande.

E' preciso ter uma vista excellente para das cadeiras enxergar quem está nos camarotes, para d'um lado do circo para o outro, reconhecer quem lá está.

Ora isto que n'uma grande cidade, em Paris por exemplo, onde quem vae a um espectaculo, vae para ver esse espectaculo, não seria de forma alguma um defeito, é em Lisboa onde a maior parte da gente vae ao theatro para ser vista, para se encontrar com as pessoas das suas relações, para estar com *gente conhecida*, para ver o seu nome nos jornaes do dia seguinte.

Ora no novo Colyseu, quem pensar em lá ir para isso perde absolutamente o seu tempo e parece-me que hade ser muito difficil implantar ali as funcções da moda, que tanto dinheiro tem dado a ganhar ao velho Colyseu.

Uma novidade do Colyseu de Santo Antão, é o vasto *promenoir* que occupa o ultimo pavimento do circo em todo o redor.

Desse *promenoir* vê-se excellentemente o espectaculo, e gosa-se todo o aspecto da sala que é explendido.

Terá futuro entre nós essa innovação?

Não sei, mas receio muito que não, dados os nossos costumes de cidade velha.

Alguns jornaes teem já pedido para que a empreza empregue todos os seus esforços afim de conseguir que esse promenoir não seja *mal frequentado*, quando precisamente o ser *mal frequentado* é a unica rasão de ser d'esse novo logar nos theatros.

O *promenoir* encarapitado lá no cocuruto dos theatros, occulto aos olhos dos espectadores pacatos é em todas as casas de espectaculo lá de fóra, o logar consagrado a *lá jeunesse que s'amuse.* As pessoas serias, o mundo engravatado, grave, susudo tem as cadeiras, os camarotes, a geral, as galerias, o *promenoir* é da mocidade alegre e estudia. Se a tiram de lá, se lhe poem lá em cima familias burguezas passeando austeramente como se aquillo fosse o passeio da Estrella ao domingo, então é melhor acabarem com o *promenoir*.

Entretanto resta saber ainda uma coisa, é se a nossa mocidade alegre e estudia está educada para ter essas regalias em theatro, e se com os costumes indigenas, entregou o *promenoir* como é de dever *á lá jeunesse qui s'amusse* não haverá o risco de vez emquando vir cá abaixo parar, á moleirinha dos pacificos espectadores, alguma garrafa ou algum prato que mão ciumenta mas de pontaria pouco certeira atire á cara d'algum rival preferido.

*
* *

O novo Colyseu inaugurou se com as representações d'uma companhia italiana d'opera comica.

Na 1.ª noite houve uma enchente enorme, e a companhia que cantou o *Boccacio* foi muito applaudida.

Essa companhia que nós ouvimos no *Boccacio* e depois na *Mascotte* tem alguns cantores de boa voz e de merecimento, mas para nós tem o defeito de todos os italianos a cantarem operetta franceza— a falta de vida, de *verve*, *d'entrain*, a italianisação da musica ligeira dos maestrinos que a transforma completamente e a torna massadora. Algum dos artistas do novo Colyseu, cantam muito bem, tem boa voz, sabem cantar, mas não é nada d'aquillo. A *operetta* franceza pode prescindir de boa voz, de methodo de canto, mas do que não pressinde é de graça, e de talento comico, e é precisamente isso que falta nos italianos mesmo n'aquelles que mais distinctos cantores são.

Isto que se dá na operetta dá se tambem na opera franceza, como varias vezes temos notado.

Vejam lá por exemplo a Patti, a celebre, a grande Patti, a diva da voz d'ouro, o fiasco que fez na *Carmen*, em que a Galli Mariée, é extraordinaria, a Galli Mariée que no mundo lyrico italiano nunca teve cotação. Vejam lá o tenor Degeune, que não valia muito, como na *Lakmé*, na *Mignon* e no proprio *Fausto*, era superior a muitos tenores italianos, de meritos vocaes muito superiores aos seus.

Para cantar musica franceza só os francezes, como para zarzuela só os hespanhoes.

Para nós a unica qualidade má da companhia d'opera comica italiana a cantar operettas de Audran, de Varney, de Lecocq, de Vasseur, é o ser italiana.

* * *

O Colyseu velho, tendo agora pela frente um rival temivel, preparou-se para a lucta com uma companhia d'opera lirica italiana.

Não nos parece lá uma grande idéa, sobretudo com o reportorio que tem dado: *Trovador* e *Rigoleto* operas que toda a gente em Lisboa sabe de cór e que, nem excepcionalmente cantadas, tem já o condão de atrahir o nosso publico.

Ora francamente se o *Rigoleto*, mesmo cantado pelo Francisco d'Andrade ou pelo Menotti, nos massa um pouco, se o *Trovador* cantado pelo proprio Tamagno nos massa muito, como demonio hade o *Trovador* ou o *Rigoleto* divertir-nos cantados por artistas de segunda e terceira ordem?

Não comprehendemos a insistencia d'essas companhias d'opera de verão que nos visitam de vez emquando, em dar operas velhas e relhas que já não interessam a ninguem e que sugeitam os artistas a confrontos que por força os hão de esmagar, quando era tão facil dar-nos operas novas — que ha em Italia uma immensidade d'ellas que nunca em Lisboa foram ouvidas — operas que alem de ter o attractivo enorme da novidade, tinham a vantagem de não obrigar os artistas a confrontos sempre maus, mesmo entre artistas de cathegoria egual, pessimos para artistas de cathegoria manifestamente inferior.

Venham operas novas e todo o publico correrá a vel-as, mas, para ver o *Trovador* e o *Rigoleto* não me parece que valha a pena correr muito.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

S. A. O PRINCIPE DA BEIRA

D. LUIZ FILIPPE

O pequenino principe cujo retrato illustra a nossa primeira pagina, é hoje o herdeiro reconhecido da corôa de Portugal.

Foi reconhecido herdeiro da corôa, mais cedo que seu augusto pae El-Rei D. Carlos I, que só foi reconhecido herdeiro pelas côrtes, aos 14 annos de idade, emquanto que o infantil principe ainda não conta 4 annos, pois nasceu a 21 de março de 1887.

O reconhecimento de sua alteza, teve logar em côrtes reunidas no dia 14 de junho ultimo, como o Occidente deu noticia.

Foi uma sessão especialmente realisada para este fim, a que compareceram as duas camaras e todo o ministerio.

Aberta a sessão foram lidos os autos do nascimento e baptismo do principe, e finda esta leitura o sr. presidente perguntou:

«As côrtes geraes da nação portugueza reconhecem por successor do throno d'este reino, na conformidade do art. 15, § 3.º da Carta Constitucional da monarchia, a Sua Alteza Real o Principe D. Luiz Filippe, filho legitimo de Suas Magestades o Rei de Portugal e Algarves, o Senhor D. Carlos I, e Rainha a Senhora D. Maria Amelia, sua augusta esposa?»

Procedendo-se á chamada, primeiro dos pares do reino e depois dos deputados, responderam um por um:

Reconheço.

Terminada a chamada, o sr. presidente declarou que fôra reconhecido herdeiro do throno d'estes reinos, nos termos da Carta Constitucional, Sua Alteza o principe D. Luiz Filippe, lavrando-se em seguida o auto d'este reconhecimento, de que uma deputação das camaras foi, no dia seguinte, entregar uma copia a Sua Magestade El-Rei D. Carlos.

E' este o primeiro facto notavel da vida do infantil principe, se bem que n'elle não tomasse parte, e pouca ou nenhuma idéa faça da sua importancia, todo entregue ás suas distracções infantis

CASTELLO DE PORTO DE MÓS

A paginas 267 e 268 do volume VI d'este periodico tratámos de Porto de Mós e publicámos uma vista da villa muito pittoresca.

Agora publicando o castello de Porto de Mós pouco ou nada podemos acrescentar ao que então dissemos, attendendo a que não pertendemos escrever aqui a historia da famosa villa, conquistada por D. Affonso Henriques aos mouros, em 1148.

Era aquella villa, como ainda é hoje, uma das mais ferteis e virentes da provincia da Extremadura, bem situada e rica em minerios de toda a especie.

Os arabes tinham-se ali acastellado fortemente, e não foi sem grandes luctas que abandonaram tão bom posto, sacudidos pelo exercito do fundador da monarchia portugueza.

O termo d'essas luctas foi o arrasamento da povoação e seu castello pelos proprios serracenos, e assim jazeu por muitos annos, até que em 1200 D. Sancho II mandou reconstruir o castello e dar incremento á povoação, que se tem desenvolvido até nossos dias.

Apesar da reedificação do castello, elle acha-se hoje cahido em ruina e é apenas uma memoria do passado, juntamente com bons vestigios da sua construcção arabe, como se pode vêr pelo desenho que publicamos, devido ao nosso estimado amigo e antigo collaborador do Occidente, o sr. João Ribeiro Christino da Silva.

O TEMPLO DE DIANA EM EVORA

Apesar de quasi todos os periodicos illustrados que se tem publicado em Portugal, terem reproduzido em suas paginas o templo de Diana em Evora, nós não tivemos duvida em o reproduzir agora sob o novo aspecto que elle apresenta, desobstruido do immundo barracão que por tantos annos afrontou aquelle monumento romano, um dos melhores exemplares que existem da brilhante civilisação d'aquelle povo na peninsula.

Foi modernamente que a camara municipal de Evora resolveu desaffrontar aquella formosa construcção romana, dos muros e barracão que a desfiguravam e lhe faziam perder boa parte da sua belleza.

Hoje pode-se admirar desafogadamente este precioso monumento e a gravura que publicamos, reproduzida de uma photographia do distincto photographo amador, sr. M. Nicolau da Costa, offerece esta novidade sobre as gravuras d'aquelle monumento, já conhecidas.

O templo de Diana querem alguns auctores que fosse de Jupiter, pela razão dos romanos adoptarem a ordem corinthia, segundo este templo é construido, para os deuses e a jonica para as deusas. Mas a tradição que sobre este templo existe é que elle era dedicado a Diana, e como tal é conhecido na peninsula.

Segundo a tradição foi Quinto Sertorio o fundador do templo de Diana em Evora, quando este valoroso general romano, tomou *Ebora* aos *eburenes*, antigo povo da peninsula hispanica, que se suppõe ter sido o fundador d'esta cidade 289 annos antes da era christã.

Esta tradição é bem acceite, porque os romanos, erigiram muitos monumentos em Evora de que ainda existem vestigios, e é fóra de duvida que esta cidade, a que elles chamaram durante o seu dominio *Liberalitas Julia*, foi das mais grandiosas do grande imperio.

As ruinas do templo de Diana attestam bem a sua grandeza passada, e o quanto era resistente a sua fabrica, para ainda, em parte, se achar de pé, depois de passados dezenove seculos.

É este mesmo estado de conservação que induz a suppor que o templo de Diana foi aproveitado para mesquita dos mouros, durante o dominio d'estes na peninsula, sendo tambem depois aproveitado pelos christãos para o culto christão, como parece certo, em vista d'um campanario que ainda existia na parte superior do edificio. Suppõe-se mais que este templo servio por muitos annos de Sé, porque havendo referencias em chronicas antigas, á Sé velha de Evora, não se encontram vestigios de tal edificio, a não ser o templo de Diana.

Emfim, tendo servido este templo para o culto pagão, para o culto mahometano e para o culto christão, não deixou por isso de servir para misteres bem diversos, como o de celeiro, o de matadouro e o de museu archeologico, porventura o que melhor lhe quadrava e para que muito influiu o fallecido lente da Universidade de Coimbra e eminente archeologo dr. Augusto Fellipe Simões.

A BONECA FALANTE DE EDISON

Mais um invento de Thomaz Edison, mais uma applicação da electricidade.

O grande electricista Edison acaba de descobrir mais uma aplicação ao seu phonographo, aplicação extremamente engenhosa, e que, se não tem a utilidade pratica de um invento destinado a prestar grandes serviços á humanidade, tem a utilidade não menos pratica de criar uma industria nova, que pode produzir uma nova fonte de trabalho e de riqueza, se attendermos ao importante commercio que os paizes mais adiantados fazem com os brinquedos para creanças, commercio que em Portugal tem já certa importancia traduzida em algumas centenas de contos que annualmente o paiz importa d'estes nadas, e que a industria estranjeira cultiva com bons resultados.

A boneca falante de que nos occupamos, appareceu pela primeira vez n'uma exposição de electricidade, que se realisou em maio d'este anno em Orange (New-Jersey).

N'esta exposição havia uma sala occupada pelas bonecas falantes, que attrahia extraordinariamente os visitantes, pela nova maravilha que a electricidade ali lhes apresentava, tão habilmente aproveitada por Edison.

Imagine o leitor uma grande sala cheia de bonecas de varios tamanhos, graciosamente vestidas com differentes *toilettes*, e umas falando, outras cantando, aquellas gritando, estas chorando, tudo em differentes tons de voz, e terá diante de si o espectaculo mais extraordinario, mais phantastico a que lhe tenha sido dado assistir.

Pois antes do leitor imaginar tão extraordinario espectaculo, assistiram a elle milhares de pessoas, em que as crianças faziam um bom numero, e todas se elevavam n'aquellas formosas bonecas que fallavam como ellas, que as desafiavam a gritar tambem, a chorar ou a cantar.

O novo invento de Edison alcançou desde logo um exito completo, e o espirito pratico americano criou immediatamente na boneca falante uma grande industria, cujos productos começam a invadir os mercados de todos os paizes.

Nos ateliers de Edison preparam-se diariamente 500 bonecas com o seu apparelho phonographico.

Para este fim empregam-se cerca de quinhentas raparigas que, diante dos pequenos phonographos e aplicando a bocca a um porta-voz, fallam, cantam, riem e choram, deixando todos estes sons impressos no phonographo. É uma d'estas operarias funccionando, que a fig. 1 representa.

O phonographo aplicado a este fim é bastante simples.

Um mechanismo de relojoaria, a que se dá corda com uma manivella, imprime movimento a um tambor ou cylindro que communica por meio de um estylete com a placa sobre que se acham impressos os sons e com um electro-iman. Um volante com sua correia serve para regularisar os movimentos.

Este apparelho acha-se demonstrado na fig. 4.

A fig. 2 representa a boneca despida, vendo se o apparelho phonographico que se aloja no interior da boneca, e cujo porta voz, que se vê na parte superior da fig. 4, está em communicação directa com a bocca da boneca. Dando-se corda ao pequeno mechanismo com a chave manivella, aquelle funcciona regularmente e o phonographo transmitte pela bocca da boneca todos os sons que tiver recebido.

A fig. 1 representa a boneca vestida, occultando, portanto, o seu mechanismo.

Cada boneca, vendida com sua caixa, é acompanhada de um impresso com as palavras e muzicas que a mesma articula ou canta, o que permitte combinar, dentro de um certo numero de bonecas, uma conversação ou mesmo um côro muito curioso e sobre tudo muito original.

Os periodicos americanos occupando-se d'este curioso invento, affirmam que o preço d'estas bonecas falantes será egual ou pouco excederá o preço das bonecas mudas que a França e a Allemanha offerece ao commercio.

É extraordinaria esta America.

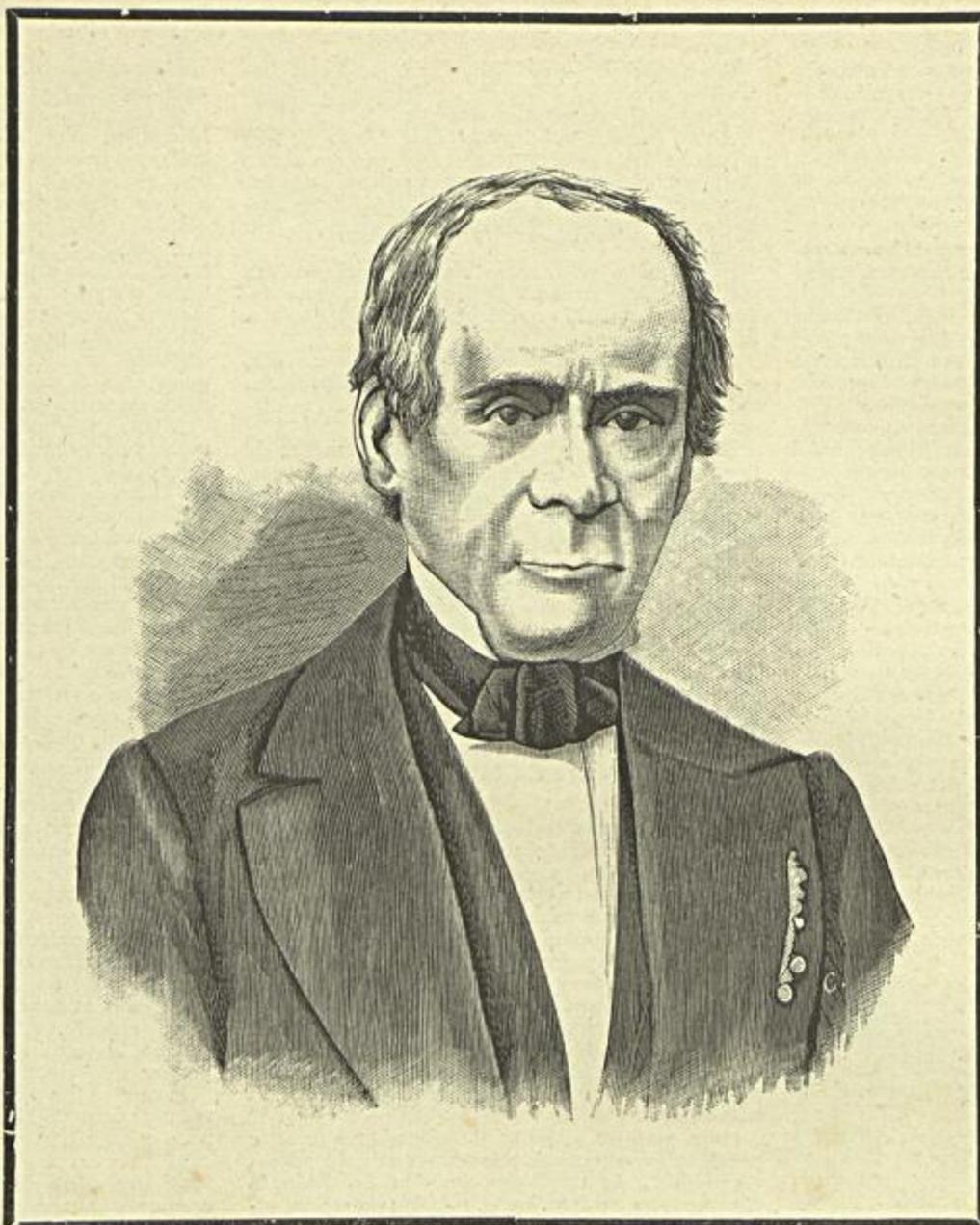
FERDINAND DENIS

Com o retrato do grande escriptor morto honra hoje as suas paginas o Occidente.

É uma diminuta parcella, paga á sua memoria, da grande divida que Portugal contrahiu com elle. Divida enorme de gratidão em cujo pagamento temos sido escassos, ou por que não lhe conhecemos bem os serviços, ou por natural disposição da nossa indole, que nos faz addiar sempre para o dia seguinte os compromissos solemnes. O que é

certo é que muito pouco, quasi nada se tem dito d'esse homem singular, que teve a inexplicavel singularidade de, sendo estrangeiro, ser amigo de Portugal, sendo parisiense, conhecer profundamente alguma cousa mais do que Paris, sendo escriptor, escrever de preferencia sobre portuguezes, sendo erudito, augmentar e enriquecer a sua erudição com o conhecimento vasto e minucioso de tudo quanto respeita á nacionalidade portugueza, pondo em accentuado relevo, e sempre, e em tudo, o lado heroico da nossa raça, as superiores qualidades ethnicas da nossa nacionalidade, a grandeza viril do nosso passado.

E se precisarmos bem que Ferdinand Denis nascera na capital da França, que era parisiense até á medulla dos ossos, mais avultam os serviços que elle nos prestou durante uma vida longa.

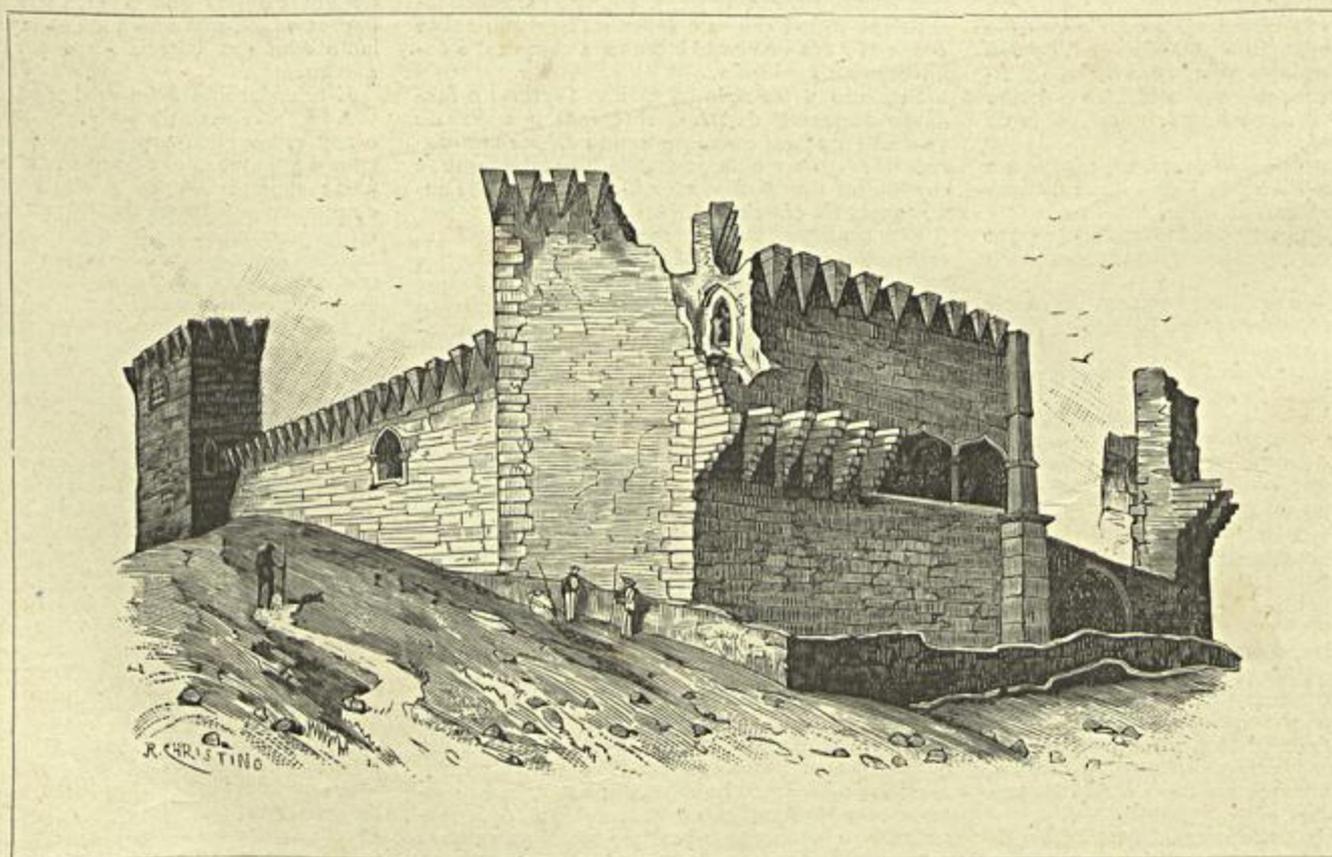
É quasi uma banalidade dizer-se que os escriptores estrangeiros timbram e capricham em errar e mentir quando tratam de nós. Remontando mesmo aos de notoriedade mais vasta, aos mais auctorisados, aos chefes, todos temos visto com pesar que nem esses se eximem á regra geral. Sem medo de falsear a verdade pode affirmar-se que as referencias a Portugal e a nós se contam pelo numero dos erros e falsidades. Os que não mentem por capricho, mentem por ignorancia, e essa ignorancia que era facil ter evitado, ostentam-n'a sem pejo, como se não valesse a pena o trabalho de se dizer sinceramente a verdade, sendo Portugal o assumpto, e cousas portuguezas o objectivo.

FERDINAND DENIS — Fallecido em Paris no dia 4 do corrente

(Segundo uma photographia)

E notem que não nos referimos agora aos que por interesses egoistas e sordidos adulteram a nossa historia geographica e politica. Esse processo, e o ignobil fim a que elle visa, é privilegio de uma nação que, para locupletar-se e encher-se até estourar como a rã da fabula, recorre alternadamente ás diversas industrias que confinam de um lado com a mentira descarada, do outro com a violencia brutal.

Referimo-nos mais particularmente n'este logar aos escriptores francezes, ou mais especialmente ainda aos litteratos e jornalistas de Paris, que não sabem nada de Portugal, chegando muitos a julgarnos como o vulgo uma provincia de Hespanha; e sendo entre elles tão vulgares as syllabadas a nosso respeito, nem ao trabalho se dão de as corrigirem a tempo, parecendo tomarem por exemplo e modelo o mestre Voltaire, que entre outras cousas bonitas que disse de nós, affirmou n'um excesso philologico, que o poema de Camões se chamava *Lusiadas* porque o seu auctor se chamava Luiz!

*
* *

Isto basta para se ver bem a grandeza dos serviços que Ferdinand Denis nos prestou. Entre tantos foi elle o unico que tomou a peito a nossa causa, encarregou-se, pa-

RUINAS DO CASTELLO DE PORTO DE MÓS

(Desenho do natural por J. R. Christino)

ra que assim o digamos, de ser o nosso advogado na Europa.

Quantos recursos se podem pôr em pratica, para tornar conhecida, exaltando-a, uma pequena nacionalidade, tantas vezes calumniada e tão poucas defendida, a nenhum se esquivou o espirito illustre do homem cuja morte deploramos como a de um amigo sincero, e a França chorará por longo tempo como a de um filho glorioso e querido.

E qual foi o motivo, perguntarão os que não conheçam bem a sua vida e a sua obra, d'esta preferencia por Portugal, d'esta campanha por elle sustentada atravez de todos os attrictos e de todas as calumnias?

Ferdinand Denis morreu com 90 annos, e teremos de recuar sessenta para começarmos a responder á pergunta. Temos de remontar a um periodo de recordação eterna para nós, a um periodo de agitação politica e litteraria tanto em Portugal como em França.

Mas alem d'estas relações outras, puramente litterarias, manteve Ferdinand Denis com os primeiros escriptores portuguezes e com a Academia Real das Sciencias, algumas adquiridas na sua viagem a Portugal, sendo muito moço ainda, e outras obtidas no decurso da sua vida litteraria, e especialmente devidas ao logar que occupava de bibliothecario de Santa Genoveva.

Estas razões são de sobejo para esclarecer os que quizessem, sem o conseguir, explicar de alguma forma a singularidade unica de haver no seculo XIX um escriptor francez empenhado sempre em dizer bem de Portugal!

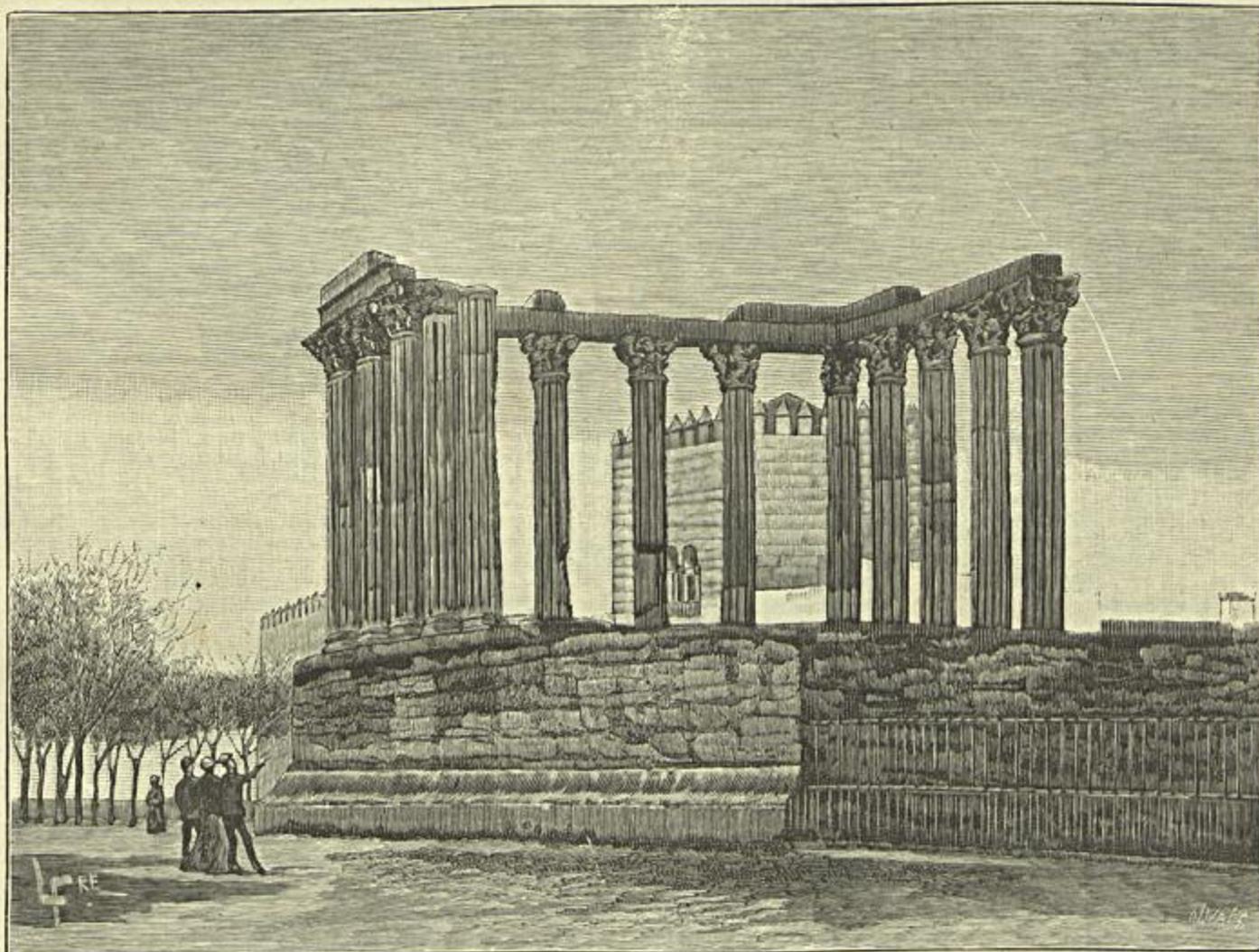
*
* *

Jean Ferdinand Denis nasceu em Paris a 13 de agosto de 1798.

Destinava-o o pae á carreira diplomatica, mas o gosto das viagens e o estudo das linguas absor-

E, fechado o parenthesis, que abrimos com o fim unico de mostrar que a natureza dotára excepcionalmente esta familia, voltemos a Ferdinand Denis, que deixámos em viagem para a America. Colheu uma orientação nova o seu espirito, que se illustrava vantajosamente ao passo que as maravilhas do Novo Mundo encantavam os seus olhos de touriste.

Tanto que, logo depois de regressar e de preparar valiosos trabalhos geographicos, historicos e litterarios, Ferdinand Denis projectou outra viagem, d'esta vez ao Oriente, cujos idiomas já tinha estudado. D'este desejo o impediram porém circumstancias de momento e limitou-se a uma excursão demorada em Hespanha e Portugal.

O estudo das nossas viagens, a admiração pelos nossos navegadores, o conhecimento mais approximado e directo da litteratura riquissima dos dois paizes, e sobretudo as investigações minuciosas aos monumentos arabes que se espalham por

O TEMPLO DE DIANA, EM EVORA

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. M. N. da Costa)

Temos de ver na mente o honrado escriptor em convivio apertado e affectuoso com os nossos homens de 1830, com os expatriados portuguezes, entre os quaes os mais illustres de todos e os mais gloriosos de todo um seculo: Garrett e Herculano. Em França conheceu-os de perto, privou com elles, aprofundou esses nobres espiritos, conheceu as aspirações d'essas almas de eleição, partilhou as convicções profundas d'esses caracteres de oiro, admirou as faculdades geniaes d'esses dois portuguezes, e viu Portugal reflectido em ambos, e sentiu a nossa alma nacional vibrar em Herculano e Garrett, impressionou-o a nossa historia opulentada na narração singella do historiador por excellencia, escutou as mais bellas lendas populares, envoltas na mais adoravel poesia meridional, sonorisada pela linguagem ao mesmo tempo imaginosa e erudita de Almeida Garrett.

Já pouco antes o escriptor francez se relacionára com Francisco Manuel de Nascimento, o nosso Fylinto Elysio, e d'essa convivencia lhe veio decerto o gosto apurado da nossa litteratura classica, que profundamente conhecia.

veram-n'o por tal fórma que, contrariando os desejos paternos, aos 18 annos deixava Paris e emprehendia uma viagem pela America.

Antes, porém, de proseguirmos n'estas rapidas indicações biographicas, diremos duas palavras sobre outro homem notavel, ramo do mesmo tronco, Alphonse Denis, irmão de Ferdinand.

Vae vêr-se como fôra com esta familia prodiga de dons a natureza. Alphonse, mais velho quatro annos que seu irmão, foi um politico de valor e um dos mais illustres agronomos dos fins do seculo XVIII. Militar valente, ganhou a Cruz da Legião d'Honra na batalha de Montereau. Escriptor de talento, deu ao theatro uma comedia encantadora *La Bague, ou l'Ami du mari*, e em duas publicações importantes, *La Revue de l'Orient* e *Promenades Pittoresques et statistiques dans le Var*, deixou manifestações superiores de bom gosto, illustração e phantasia. Agronomo consummado, introduziu em Hyères muitas plantas exoticas, fez classificações botanicas que ficaram, e orador parlamentar, foi na camara um dos sustentaculos do partido conservador.

toda a Andaluzia, apuraram-lhe por tal maneira o gosto e tão copiosamente lhe illustraram o espirito, que nasceram d'essa viagem, alem de outros trabalhos dispersos, tres obras notaveis, das que mais enriquecem a sua vasta galeria litteraria: *Chronicas cavalleirescas da Hespanha e de Portugal* com a traducção do *Tecelão de Segovia*, drama do seculo XVII, o *Genio da Navegação* e os *Quadros chronologicos das litteraturas hespanhola e portugueza*.

As chronicas constituem dois volumes in-8.º, publicados em 1837. Appareceu em 1847 o *Genio da Navegação* e os *Quadros* sahiram a lume no *Atlas das litteraturas*, de Jarry de Mancy.

Em 1838, já vulgarisado o seu nome por muitos trabalhos litterarios, o governo nomeava-o bibliothecario no ministerio de instrucção publica, onde prestou serviços valiosos, tantos que para premial-os, um novo acto de justiça praticava o governo francez, dando-lhe em 1841 o logar de conservador na bibliotheca de Santa Genoveva, da qual foi nomeado administrador em 1865. Foi ainda n'esse logar, que elle por muitas maneiras

honrou, que o veio colher a morte aos 92 annos de edade.

No bairro latino, á direita do Pantheon, lá está essa pequena bibliotheca de Santa Genoveva, a attestar eloquentemente não só a preoccupação constante, fanatica, que absorveu a vida d'esse illustre velho, de bem servir o seu paiz, colleccionando eruditamente as mais bellas joias da sua litteratura, mas, para nós bem mais do que isso, a bibliotheca de Santa Genoveva é o padrão vivo da sympathia que a Ferdinand Denis inspirava Portugal. Lá estão os livros dos nossos classicos, dos nossos chronistas e até dos mais illustres entre os nossos escriptores modernos. E' a mais rica collecção de livros portuguezes que possue Paris, e sem duvida a mais completa que ha no extrangeiro. Era á bibliotheca de Santa Genoveva que iam frequentemente os portuguezes residentes em Paris, curiosos, escriptores, jornalistas, quando precisavam esclarecer alguma duvida, ou consultar algum ponto de velha litteratura. Ha poucos annos ainda, porque nos ultimos tempos a doença prostrara o honrado escriptor, era elle que se apressava a receber os portuguezes, folgando sinceramente em fallar de Portugal e dos nossos homens eminentes, e dando a todos que lh'os pedissem, os esclarecimentos de que era prodiga a sua erudição infatigavel.

Dispunha a bibliotheca de modestos recursos monetarios, as sommas que do Estado recebe são diminutas com relação ás que elle dispensa á Bibliotheca Nacional de Paris, e apesar de tudo isso é pasmosa a collecção de livros portuguezes que lá organisou Ferdinand Denis, incomparavelmente superior á que possue a Bibliotheca Nacional e rica sobretudo em manuscriptos nacionaes, muitos que lá foram parar, sem se saber como, digase de passagem.

*
* *

Aos trabalhos de investigação e de estudo indispensaveis para a organisação intelligente de uma bibliotheca, como é hoje a de Santa Genoveva, teve Ferdinand Denis de dispensar tanto tempo, tantas canceiras e fadigas, que os ultimos 25 annos da sua vida, todos por assim dizer dedicados á sua querida bibliotheca, foram quasi estereis para a sua producção litteraria Basta ver as datas da publicação dos seus principaes trabalhos que vamos indicar, por ser indispensavel n'um artigo d'esta natureza esta noticia bibliographica:

Buenos Ayres et le Paraguay (1823, 2 vol. in-8.º) *La Guyane* (1823, 2 vol. in-18); *Résumé de l'histoire du Brésil, suivi du Résumé de l'histoire de la Guyane* (1825, in-18, 2.ª edição, 1827) traduzido em portuguez no Rio de Janeiro; *Précis de l'histoire litteraire du Portugal et du Brésil* (in-18); *Les Navigateurs, ou Choix de Voyages anciens et modernes* (1833, in-8); *Le Brésil et le Portugal*, na collecção do Universo Pittoresco (1837 e 1846); alem d'estas as tres obras notaveis a que n'outro logar nos referimos.

Romances moraes ou instructivos, deixou os seguintes: *André le voyageur* (1827, in-18), Historia de um marinheiro; *Ismael-ben-Kaisar ou la découverte du Nouveau Monde* (1829, 3 vol. in-12); *Le Brahme Voyageur, ou la sagesse populaire de toutes les nations* (1833, in-18, 5.ª edição, 1854) coroado pela Academia Franceza; *Luis de Sousa* (1835, 2 vol. in-8); diversos escriptos, em brochuras, de archeologia, de litteratura e de variedades: *Scènes de la nature sous le tropique, et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et José India* (1824) *Le Menuisier de Nevers* (1843), noticia sur Adam Billaut; *Une fête brésilienne, célebrée á Rouen en 1850* (1850), com fragmentos do seculo XVI sobre a theogonia dos atigos povos do Brazil; *Sciences occultes* (1852); *Des manuscrits à miniatures dans leurs rapports avec la peinture moderne*, para o *Manuel de peinture* d'Arsenne, *Tableau historique, critique et analytique des sciences occultes*, na *Encyclopédie portative* (1833); *Essai sur la philosophie de Sancho Pança*, á frente dos *Proverbes* de Le Roux de Lincy; *Le Matelot Selkirk et les Caraibes*, no *Gulliver*.

Com Hippol. Taunay publicou: *Le Brésil* (1821); e uma *Notice historique et explicative du panorama de Rio de Janeiro* (1824); com Sander Rang: *Fondation de la régence d'Alger, ou Histoire de Barberousse* (1837); *Chronique du 16.º siècle*; com Martonne et Pinçon: *Nouveau Manuel de biographie universelle* (1857, gr. in-8); com Victor Charuvin: *Vrais Robinsons, naufrages, solitudes et voyages* (1862, gr. in-8), etc.

Deve-se-lhe uma edição diamante das *Voyages des Matouet dans les forêts de la* Guyane (1852). Collaborou nos *Chefs d'oeuvré du théatre européen ét du théatre étranger* e nas *Révues européennes et britannique*, na dos *Deux-Mondes*, no *Artiste*, na *Corographia brasilica*, no *Journal*, nos *Annales des Voyages*, no *Magasin Pittoresque*, na *Encyclopédie portative*, na *Bibliotheque populaire*, na *Nouvelle biographie générale*. Deixou uma traducção magnifica do *Romancero espagnol*, que constitue quatro volumes, in-8, e muitos outros trabalhos dispersos, que é impossivel ennumerar.

E' como vêem uma obra vasta que abrange o decurso de 40 annos, provando á evidencia não só as superiores faculdades, mas a incançavel actividade d'este trabalhador exemplar.

*
. .

Não é na suprema galeria dos Genios, d'esses espiritos *hors-ligne*, que, não lhes bastando honrarem o seu seculo, passam aos seculos futuros de tradição em tradição até abrangerem os dominios da lenda, não é n'esse grupo eterno e eternamente glorificado que tem logar Ferdinand Denis.

Apesar de ser grande é mais modesta a sua estatura intellectual. Elle pertence ao numero dos escriptores illustrados, honrados e conscienciosos que mais contribuiram, ora como architectos ora como obreiros, para o engrandecimento litterario e scientifico da epoca em que viveram. Se não é tão fulgurante a obra de um escriptor como Ferdinand Denis, é valiosissima pelo trabalho que representa e pela consciencia recta que a ella presidiu e que de toda ella se evola.

E n'esta obra multipla encontra-se por vezes, especialmente nos livros de viagem, traços delicados de phantasia, opulencias de imaginação e impressões contagiosas da natureza observada e sentida. Revela-se não raro o espirito fino do artista que sabe ver e em cujo coração deixaram echo as mais bellas vibrações do mundo exterior.

Nos trabalhos de historia e de investigação, sobresae o escrupulo da verdade e o rigor da critica, sempre baseada em documentos, muitos dos quaes obtidos por um trabalho benedictino.

Os processos historicos de Michelet e Edgard Quinet são os que mais se assimilham aos seus, e na parte da historia que mais o apaixona, tem um sentimento tão profundo das edades transcorridas e das personagens extinctas, que o grande lemma de Michelet: *A Historia é uma resurreição*, parece ter sido tambem o principio invariavel e sagrado a que obedeceu Ferdinand Denis.

Nos volumes em que se occupa da historia portugueza compilou elementos que andavam despresados pelas bibliothecas e foi ahi que mais por certo evidenciou o seu honrado processo scientifico de historiador.

O Portugal do seculo XVI mereceu-lhe sympathias tão vivas, estudou tão profundamente essa epoca, que nenhum trabalho de escriptor portuguez a comporta mais verdadeira e mais detidamente observada. Em França e no extrangeiro, Ferdinand Denis é continuamente consultado por quantos se interessam pela historia portugueza.

. .

Ahi está o escriptor, ahi está o trabalhador, cujo retrato estas linhas acompanham.

A doença, como já dissemos, quasi o invalidara nos ultimos annos de uma vida tão longa.

A ultima vez que elle appareceu n'uma cerimonia publica foi ainda para fallar, com enthusiasmo, de Portugal. Foi em Paris, na reunião de uma sociedade franco-brazileira. Celebrava-se a sessão na Sociedade de Geographia e foi dada a presidencia de honra a Ferdinand Denis, que teve á sua direita o sr. Lavasseur, membro do Instituto de França, e á esquerda o sr. Sant'Anna Nery, jornalista brazileiro.

Depois de fazer o elogio do Brazil e do imperador, o velho Ferdinand Denis fallou com profundo sentimento e calorosa admiração dos navegadores portuguezes que descobriram as terras de Santa Cruz. Foram talvez as ultimas palavras que proferiu n'uma sessão publica.

O que temos feito para honrar a sua memoria e evidenciar a nossa gratidão é pouco. Em 1839 a França condecorava-o com a legião de honra e varios governos de Portugal lhe offereceram algumas das nossas condecorações menos barateadas, como tambem pelos serviços prestados ao Brazil o imperador, hoje desthronado, condecorou o velho escriptor.

Tanto na camara dos pares como na dos deputados foi proposto e lançado na acta um voto de sentimento pela morte de Ferdinand Denis.

A Academia das Sciencias de Lisboa honrava se em contal-o entre os mais illustres dos seus membros, mas como para o muito que á memoria d'elle devemos não bastam estas manifestações, é á Academia que compete o principal pagamento de uma divida de gratidão e de honra, e confiamos em que ella interpretará o sentimento portuguez, fazendo n'uma sessão solemne o elogio historico d'este extrangeiro illustre que era portuguez pelo coração.

Jayme Victor

CONTOS DE HOJE

VII

(AO DISTINCTO ARTISTA CAETANO ALBERTO DA SILVA)

Em 1870, morava na rua dos Calafates uma velhinha, conhecida no Bairro Alto, entre os operarios e artistas, pela indicação de *sr.ª D. Anna*. Quando alguma pessoa se lembrava de perguntar quem era a velhita, recebia sempre esta invariavel resposta:

—Ah! bem sei, é a *sr.ª D. Anna*; cá na rua todos a conhecem bem. E' uma boa senhora.

E não havia meio de alcançar outros pormenores.

A *sr.ª D. Anna*, como diziam pois, habitava uma casa de apparencia mais que modesta, onde morava com sua sobrinha, uma formosa rapariga, genero *beautè-diable*.

Todos no sitio se lembravam de ter visto ao collo da boa velha a pequena Laurinha. Na epocha porém a que nos referimos, tinha Laura dezoito annos. Era uma creança *promettedora* na phrase dos *blasés*, por isso que já iam desabrochando n'ella com notavel vigor as galas da mulher.

Em geral havia pela sympathica rapariga uma estima respeitosa, porém Laura tinha esse encanto de colorido a que Ovidio chamou *côr apta ao amor*, e por vezes os seus grandes olhos negros pareciam despedir scentelhas de sensualidade alarmante. Não era alta, o passo firme ondulava-lhe graciosamente os quadris n'um tom muito peninsular.

Portava-se bem, diziam.

Mas. . tão nova! não admirava, objectavam os descrentes.

Proximo habitava um rapaz, operario, o José Lopes da typographia Antunes, que mais de uma vez se arrojara a dizer a sua *graça* á Laura na volta da officina; e quando a sobrinha da sr.ª D. Anna, a Laurinha, uma tarde descerrou a bocca escarlate em ruidosa gargalhada ao ouvir o José Lopes, o namoro no dizer das tias besbelhoteiras entrara na sua primeira phase.

O honesto artista, pobre como todos os honrados, foi aconselhado por certas senhoras vizinhas, a que não porfiasse em cortejar Laura por isso que esta, já pela educação, já pelo temperamento, era uma *menina fina* emquanto que elle não passava de um *homem ordinario*.

Porém José Lopes, como que hypnotisado pelo canto da sereia não tinha força nem iniciativa propria, e, agora com esse aferro dos jogadores que perdem, ainda menos pensava em abandonar aquellas relações, porque em volta de Laura gravitava outro, um tal D. João da Silveira.

O operario suppoz-se o predestinado para salvar Laura da eminente perdição, e não havia meio de o dissuadir de tal empreza.

A coisa estava séria porque este D. João, segundo elle proprio affirmava, descendia de reis mouros e era possuidor de largos bens de fortuna.

Da parte de Laura para com o typographo começava uma certa distracção que ia já degenerando em frieza, a ponto de por mais de uma vez quasi que desenganara o rapaz. Pois que a meudo lhe repetia n'um tom de melopêa funebre:

—Nós assim, tão pobres, nunca poderemos *fazer casa*, ser felizes. Havemos de ser esquecidos e até menosprezados por toda a gente. Quem fará caso de uma costureira ou de um typographo?...

Mas, se justamente assim é que o pobre artista queria! Que se importava elle com a outra gente. O que elle queria era a Laura junto de si, a amparal-o com todo o seu amor contra o alteroso vagalhão do infortunio. Ser esquecido de todos!... mas era essa a aspiração do operario que só desejava a Laura. Porque era n'esta rapariga, que o estonteava com a sua distincção, que elle synthetisava a sua força para a lucta da existencia, o seu futuro; e todo entregue a ella só, á sua Laura, esquecer agruras e decepções de uma vida de combatente, esquecer a *outra gente!*

*
* *

Vinha uma tarde José Lopes da typographia e estranhou, com um mal estar e anceio que não

comprehendia, que á porta da sr.ª D. Anna se juntassem mulheres do sitio, de aventaes enrolados á cinta e cabello azeitado, gesticulando em altas vozes, muito agitadas, e simulando limpar lagrimas remissas ao conforto das pontas dos lenços ao peito.

—Quem havia de dizer ! !... esclamava uma.

—Deixar assim uma pessoa d'aquella edade! Pobre creatura !... disse outra.

—O que aconteceu, tia Antonia? perguntou o José com o olhar parado n'um grande alanceamento.

—Ai! o José Lopes, coitado! regogou a que estava mais proxima da interrogada.

—Uma desgraça! filho! respondeu a tia Antonia, — foi a menina Laura que fugio com o janota do cavallo...

O operario já não a ouvia, tinha desapparecido pela porta da casa de Laura. Atravessando a salleta de entrada, quando tomou o fecho da porta do quarto da velhinha téve de amparar-se á hombreira para não cahir, tremiam-lhe as pernas, e a cabeça aquecia-se-lhe n'um pensamento fixo...

—Perdida!...

Entrou. A pobre velhinha deitada de bruços no triste leito da fugitiva soluçava de modo que a cama tremia como n'um abalo de terra. José ajoelhou e tomando uma das mãos da pobre abandonada viu que esta segurava um papel. Conseguiu tirar-lh'o de entre os dedos fortemente premidos e leu:

«Minha boa tia»

«Só voltarei rica e capaz de a tornar feliz. Diga ao José que me perdoe. Nunca poderiamos ser felizes.»

«Laura»

O infeliz rapaz parecia assombrado...

Pela face macilenta do trabalhador nocturno, pairou um lampejo de decisão, e uma lagrima corria vagarosamente.

A velhinha olhava-o, muda de espanto:

—Laura fugio!... Serei eu quem a substitua, serei para si como um filho.. como viria a ser se aquella desgraçada nos não abandona roubando-nos a felicidade.

E assim foi...

A pobre sr.ª D. Anna não cessava de se accusar como culpada, porque sempre dissera que o José Lopes é que não era marido para a Laurinha. Lembrava-se muito bem de o ter dito tanta vez!

—Um typographo era o que faltava!... com o senhor D. João da Silveira era outra cousa... até podia haver complacencias... Perdoa-me José! Fui eu que a perdi!...

—Ora! o que está feito, está feito! atalhava generosamente José Lopes; — Agora é deitar o coração á larga!... ingrata, tinha aqui a felicidade...

* * *

Decorreram tres annos depois do rapto de Laura. A velhinha e o operario eram relativamente felizes no meio da grande ingratidão que os ferira de um só golpe.

Uma noite o José quiz por força que a sr.ª D. Anna fosse aos *Cavallinhos*. A pobre senhora não queria, o José teimava que fosse, que era só para se distrahirem; D. Anna já não sabia recusar pedido algum ao honrado artista, o seu novo filho. Foram.

Os cartazes espalhafatosos de reclamo notavam em grandes lettras de côres vistosas o nome da celebre *Mimy*, encarecendo a formosura da funambula e os merecimentos da *voltigeuse*.

* * *

José Lopes e D. Anna entraram e tomaram logar nos palanques da *geral*. Havia grande animação nos grupos dos *fashionables* e *sportmen*.

Em seguida a uns exercicios musculares, exhibições no trapezio e á apresentação de um cavallo em alta escola, appareceu finalmente no meio de uma descarga de palmas, *bravos! Hurrahs!* a celebre Mimy que de facto deslumbrava.

Miss Mimy ia atravessar o circo em toda a sua largura, sobre um fio de arame!

Era realmente formosa, a gentil acrobata!

Elegantissima! vestindo apenas um *corsage* de setim côr de roza, *cullote* egual, bordados a prata e guarnições de renda branca de Chantilly, e os pésitos *cambrés* em setim perola.

Logo que a encantadora miss subio a corda e tomou posição no patamar onde devia começar a travessia, a orchestra desferiu uma valsa em que as ondas de harmonia pareciam sacudir as almas vibrateis ao imaginoso de tam arriscado exercicio.

Na molle dos espectadores das trincheiras sobresaía a figura do typographo que n'uma grande contracção dos nervos frontaes parecia resumir toda a sua vitalidade no olhar de febre, violento, á maneira que a brilhante funambula avançava para elle. Porque Mimy começava a travessia do lado fronteiro e tinha de a terminar precisamente sobre o ponto em que o operario estava.

—Não pode ser! não pode ser...; tartamudeava o José, sentindo innundar-se-lhe a fronte de bagas de suor.

Quando a anciedade do publico ia terminar, isto é, quando Mimy ia chegando ao extremo da corda, apenas a dois metros de distancia... deu-se um incidente que sobresaltou grandemente todo o auditorio.

Mimy pára inesperadamente, põe-se nos bicos dos pés e indo para apontar com um dos braços a frente onde estavam no meio do povo o operario e D. Anna...

—Ella!... elle!... gritou em energico portuguez.

A maromba desequilibra-se, Mimy oscilla como o alamo sob a tempestade, a vara foge-lhe das mãos e arrebata a artista na violencia do puchão... Mimy cae e vae bater desastrosamente com a cabeça n'um dos postes que a repelle até ao meio da arena, onde fica arquejante... por fim vê-se-lhe correr um estremecimento do peito até aos joelhos e... estava morta!...

Tinha arrebentado na pancada do poste.

Quando todos n'um silencio esmagador contemplavam o corpo da infeliz artista, um homem dos palanques dansava diabolicamente, contido a custo pelos magros braços de uma velhinha...

—E' bem feito!... é bem feito!... a má filha pagou, pagou tudo!...

....

O José Lopes o honesto operario perdera a intelligencia, e cahia nos braços da tia de Laura.

* * *

No dia seguinte sepultava-se o cadaver de *Mimy* que deixava em testamento a sua fortuna á *sr.ª D. Anna.*

E' que se assim não remia as suas faltas, tinha comtudo, no tremendo desastre de que foi victima, visto de certo a Justiça da fatalidade.

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXII

Não iremos devassar a conversação demorada e animadissima que o Pereira do Erario e o Leitão da Praça da Alegria tivéram no Rocio, e contentar-nos-hemos com o saber o resultado d'essa prolongada conferencia.

O Leitão e o Pereira separaram-se muito risonhos, muito satisfeitos ambos, apertando effusivamente as mãos.

O Leitão nem sequer se approximou outra vez da loja do torneiro Lobão: separou-se do seu amigo no anglo da praça em frente do theatro de D. Maria, cortou logo direito á rua do Principe, e ia com tanta pressa que enfiou pela rua occidental do Passeio publico, junto ao palacio do marquez de Castello Melhor, uma rua que de noite elle sempre evitava para ir para casa, porque muito menos frequentada que a rua oriental, essa rua tinha má fama, passava por sitio perigoso, especialmente por causa d'um recanto que formava lá em cima ao voltar para a praça da Alegria, com a rampa que subia para a praça da Alegria de cima.

O Leitão quer só, quer acompanhado, nunca ia por essa rua, sobretudo depois d'uma certa noite em que logo ao lusco fusco atravessando da calçada da Gloria, esbarrára com um pobre que pedia esmola arrumado á parede do jardim dos condes de Lumiares.

Esse pobre era um latagão muito alto, de hombros largos, braços herculeos e barbas de porta machado, e encaminhou-se para elle pedindo esmola n'uma voz de stentor e com certa phrase textual que não se pode dizer que fosse lá muito supplicativa:

—Dê-me uma esmola, quando não...

O Leitão não quiz saber de mais nada: metteu a mão na algibeira e deu-lhe todo o cobre que levava, tremendo como varas verdes e com grossas bagas de suor frio a cahirem-lhe pela testa.

Apenas deu a esmola tratou de mecher as pernas, e só parou em casa, esfalfado d'aquella correria.

E d'então para cá, quando se fallava na rua occidental do Passeio, ouvia sempre a voz terrivel, cheia de ameaças d'aquelle mendigo, sublinhando o «quando não» com uma inflexão tragica que parecia já uma sova.

N'essa noite porém ia tão senhor de si, tão distrahido com os diversos pensamentos que lhe atulhavam o cerebro, que nem tempo teve para ter medo da rua Occidental.

Quando lá a meio da rua, viu á frente de si o vulto terrivel do tal pobre que tanto o aterrára, o Adamastor d'aquelle cabo das tormentas é que o Leitão cahiu em si e reparou que estava em plena rua Occidental do Passeio, para elle como quem dissesse em pleno Pinhal da Azambuja.

Mas era já tarde para retroceder e além d'isso o Leitão sentia-se tão senhor do seu nariz que até se sentia valente.

O pobre repetiu o seu pedido de esmola com a formula habitual, que sobre tudo depois das 10 horas lhe dava sempre bom resultado e lhe valia larga colheita de patacos e de vintens.

—Dê-me uma esmola, quando não...

O Leitão estava tão transformado que lhe deu para respingar.

E fitando o pobre, erguendo um pouco o chapeu á frente e agarrando na bengalla com arreganhos pimpões, perguntou-lhe, com cara de poucos amigos e voz arrogante:

—Quando não, o que?

—Quando não... vou-me embora, respondeu o pobre muito submisso, muito humilde, rodando sobre os calcanhares e tratando de se safar o mais depressa que poude.

O Leitão ficou radiante com o vistão que a seus proprios olhos tinha feito.

Vencera o pobre da rua Occidental do Passeio e vencera-o apenas com a sua energia, com o seu ar bellico, e quando se achou na praça da Alegria teve ainda mais alegria do que a propria praça, ao ver que tinha atravessado incolumne e victorioso aquella perigosa rua occidental que para elle era uma especie de montanhas da Calabria.

E ao entrar em casa, apesar da outra grande noticia que levava, a tal noticia que o alvoraçara tanto que lhe fizera perder o medo dos caminhos perigosos, a primeira noticia que deu a sua esposa e a sua filha, que estavam fazendo crochet, foi a noticia da sua grande façanha, do seu terrivel encontro com o terrivel mendigo, da sua assignalada victoria, e da sua valorosa travessia do recanto escuro

O facto era tão desusado que a Ignacinha e sua mãe ao principio troceram-lhe o nariz, e não acreditaram muito n'elle, mas o Leitão jurou que era verdade e então o scepticismo familiar transformou-se em admiração extatica, e o sr Leitão assumiu aos olhos da sua consorte as proporções collossaes do seu ante-successor, do fallecido bravo do Mindello.

Depois de conceder um quarto d'hora para as homenagens devidas á sua façanha epica, o sr. Leitão chamou sua esposa com ares mysteriosos

—Menina, agora temos que conversar.

—Ah! Estiveste com o homem? perguntou ella com muito interesse.

—Estive.

—E então?

—Então anda cá, para eu te contar o que se passou.

—Não se fez nada? perguntou ella a medo.

—Está tudo arranjado! participou elle.

—Ah! está! exclamou sua esposa com indizivel alegria. E pulando de contente encerrou-se no seu quarto com o esposo, emquanto a Ignacinha muito intrigada ao ouvir aquelle dialogo sybillino que não comprehendia nem palavra, os seguia com olhares curiosos.

E quando elles fecharam a porta por dentro á chave, ella foi de mansinho, pé ante pé, para junto da porta, e contendo o mais que podia a respiração para ella não denunciar a sua presença, poz-se de ouvido á escuta.

D'ali a pedaço o rosto da Ignacinha illuminava-se d'uma alegria extranha...

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

REVISTA POLITICA

Foi-se.

O que?

O parlamento. É verdade; d'esta vez não esteve

para mais prorogações. Para variar fechou as portas, prometendo tornar a abril-as para 15 de setembro.

Fez como o José das Aranhas que Deos haja. Não conheceram o José das Aranhas?

Pois vamos apresentar-lh'o em espirito, que em corpo já de ha muito que os vermes sevandijas o devoraram, o que não lhes havia de custar pouco trabalho, porque o José das Aranhas era um galego avantajado e gothoso que só tinha uma coisa superior á sua corpolencia, era a fealdade e a esqualidez.

O José das Aranhas vendia vinho na rua do Merca Tudo, e tão popular se tornou a sua pessoa e o seu armazem, que até chegou a figurar em uma revista do anno, que ha annos se representou no velho theatro da rua dos Condes.

Mas d'onde lhe veio tanta popularidade, perguntará o leitor, se o não conheceu.

Veio-lhe do vinho que vendia e das aranhas que mantinha no seu armazem, com a protecção conservadoura de um baniane.

As aranhas com suas teias transformavam o armazem n'um antro phantastico em meio do qual custava a descobrir as pipas do bello Cartaxo e o dono das mesmas.

Fig. 1 — OPERARIA FALLANDO AO PHONOGRAPHO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Moral Rudimentar, *exposta e exemplificada intuitivamente e adaptada ao actual programma dos exames de admissão aos lyceus*, por José Victorino Ribeiro, professor particular de Historia e Philosophia, no Porto. Casa Editora Alcino Aranha & C.ª, Porto. Um vol. in-8 de 100 pag.as. Se fossemos a descutir o programma dos exames de admissão aos lyceus, muito teriamos a dizer, mas não cabe aqui n'uma noticia tal assumpto e por isso limitando-nos a dar unicamente noticia do livro do sr. Victorino Ribeiro, diremos que, admittido o referido programma, o livro em questão é excellente; poderia ser talvez mais conciso para não sobrecarregar as pobres creanças com mais um compendio, que de resto até aqui era preenchido pelos *mandamentos da lei de Deus*, base de toda a moral e de todas as leis divinas e humanas.

Fig. 2 — BONECA FALLANTE VESTIDA

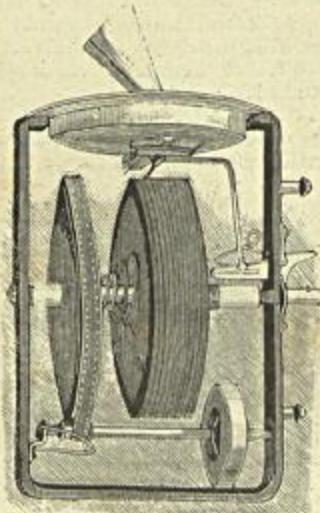



Fig. 4 — APPARELHO PHONOGRAPHICO QUE SE APPLICA Á BONECA

Fig. 3 — BONECA FALLANTE DESPIDA

Quando aquellas pipas se esgotavam ou o vinho se azedava, o José das Aranhas fechava a porta, não vendia mais vinho, e ia, conforme podia, até ao Cartaxo buscar mais cartaxense puro, para tornar a abrir as portas da sua espelunca aos numerosos freguezes, que tristes e sequiosos esperavam o seu regresso.

Esta originalidade de fechar e abrir a porta, deu-lhe uns creditos extraordinarios, apontando todos o José das Aranhas como o modelo da honestidade e honradez no seu commercio de vinho, pois só vendia do puro, que elle proprio ia buscar ás adegas e cuidadosamente o acompanhava para que lhe não fizessem misturas.

Com o parlamento acaba de se dar caso semelhante, salvo a espelunca cheia de aranhas e a pureza do licor divino.

A rhetorica estava quasi esgotada e os restos que haviam, em via de se azedarem a valer. Então fecha-se a porta para refrescar, vae-se até ao campo tomar bom ar e boas aguas e na volta abre-se outra vez a porta para receber os representantes do povo, modo de dizer.

Que os negocios da patria não percam pela demora, porque isto não vae a matar, e de vagar se vae ao longe, já os antigos o diziam, e é sempre bom seguir os conselhos dos velhos, principalmente quando esses conselhos nos mandam não fazer nada.

Mas *o melhor da passagem* é que antes do governo fechar as portas do parlamento, já a opposição tinha sahido personificada no sr. José Luciano de Castro, digno émulo do sr. dr. Camara. Sim, porque toda a gente pergunta porque seria que s. ex.ª sahiu?

Mysterio! Uns dizem que sahiu por ter chegado ao grau sufficiente de indignação na questão dos alcools, em consequencia de lhe cortarem a palavra, outros dizem que sahiu porque o trintanario lhe veio dizer que os cavallos estavam suados, e por aqui fóra uma serie de supposições que nos animam a nós tambem aventar-mos a nossa.

O sr. José Luciano sahiu para não ser posto na rua, visto que se tratava de fechar a porta.

Nada mais simples.

Entretanto diz-se que não torna a pôr pé no parlamento com a sua tropa; mas a nós parece-nos isto graça.

Depois da refrescadella, de uma data sufficiente d'agua da Sabuga e convenientemente desopilado do figado, sempre voltará ao santuario das leis para discutir o famoso tratado anglo-luso, que só pelo nome tão bonito que tem deve ser coisa para admirar.

E é justamente este tratado que chama sobre si todas as attenções, apesar de não se saber ainda o que é.

Nós nunca vimos a curiosidade publica tão espicaçada como n'este momento, porque o tal tratado está-se parecendo muito com o casamento da Grã-Duqueza com principe Cornelio Gil.

De mez para mez, fatal demora
O casamento andado tem
E logo diz, mal chega a hora
Ainda não, para o mez que vem.

O segredo é a alma do negocio!

João Verdades

A Cholera-Morbus, *estudo sobre a terrivel epidemia, origem e descripção da doença, sua procedencia, primeiros symptomas, modo de a evitar, medidas preventivas e hygienicas, alimentação, habitações, conselhos uteis, tratamentos, formulas de desinfectantes e remedios etc.* Um folheto de 16 pag.as á venda na Livraria de J. J. Bordallo, Lisboa, pelo preço de 100 reis. Na presente quadra é bom estar prevenido com um livrinho d'estes para o que der e vier.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43